OPINIÃO SOCIALISTA
O JORNAL DO PSTU
ANO XI - EDIÇÃO 291
COLABORAÇÃO: R$ 2
DE 15 A 21/03/2007
BUSH E LULA JUNTOS CONTRA OS TRABALHADORES...
PÁGINAS CENTRAIS
Av. Paulista
...VAMOS DAR O TROCO NO DIA 25!
TODOS AO ENCONTRO NACIONAL CONTRA AS REFORMAS EM SÃO PAULO!
PÁGINA 12

CARA-DE-PAU

Tentando justificar o porquê dos PMs não estarem identificados na odiosa repressão aos manifestantes que protestavam contra a presença de Bush no Brasil, o coronel da PM, Aylton Brandão, deu uma desculpa pra lá de esfarrapada: *"No corpo-a-corpo com os manifestantes, muitas das tarjetas caíram. Elas caem facilmente, é de velcro"*. O corpo-a-corpo a que se refere foi a caçada dos policiais aos manifestantes, com tiros e bombas.

PÉROLA

"Lula é de esquerda, mas eu gosto muito dele".

BUSH, em 2004, falando a Durão Barroso, ex-Primeiro Ministro de Portugal e atual presidente da Comissão Européia. Bush já deve ter percebido que Lula não tem absolutamente nada de esquerda. (*Folha de S. Paulo* 11/03/2007)

COLÔMBIA

Na Colômbia de Álvaro Uribe – incondicional aliado de Bush na América Latina -, mais de 800 líderes sindicais foram assassinados nos últimos seis anos. Só em 2006, foram 58. Os sindicalistas do país registram ainda outros 500 casos de intimidação, ameaças e perseguição aos trabalhadores. A Colômbia ocupa o topo da lista da OIT de crimes contra sindicalistas. Os assassinatos são cometidos por grupos paramilitares que agem com conivência do governo. Recentemente descobriu-se que vários membros do governo e políticos têm relações com esses grupos.

CENAS DA REPRESSÃO POLICIAL NO ATO CONTRA BUSH/ WLADIMIR SOUZA E SERGIO KOEI

SÓ FALTAVA ELE

Em um Congresso com Paulo Maluf e Fernando Collor, dois grandes símbolos da corrupção do país, estava faltando apenas algum representante da família de PC Farias. Agora não falta mais. Augusto Farias, Irmão de PC, voltou à Câmara como suplente de um deputado alagoano. Augusto chegou a ser acusado pela morte do irmão, mas as investigações não deram em nada.

DARK SIDE

Até Roger Waters está surpreso com a recepção dada pelos governantes latino-americanos à viagem de Bush pelo continente. O ex-líder da mítica banda britânica de rock Pink Floyd, disse no Peru que "*não confiaria em (Bush) ao ponto de poder conversar*". O compositor também levou ao palco de seu show um balão gigante com a frase: "*El patrón Bush visita el rancho de Colombia*".

CENSURA

O artista plástico colombiano, Fernando Botero, criou uma série de 82 quadros denunciando a tortura iraquianos presos em Abu Ghraib. No entanto, anos depois, nenhum museu dos EUA aceitou expor seus quadros. O pintor comparou sua situação a Picasso. *"Quem recordaria que os alemães bombardearam esse povoado e mataram a tanta gente se não fosse esse quadro?"*, indagou.

WWW.PSTU.ORG.BR

PORTAL TEM UM ESPECIAL SOBRE ATO "VINTE ANOS SEM MORENO"

Quem viu vai ter a oportunidade de rever e quem não conseguiu assistir vai poder ver o ato que emocionou quase duas mil pessoas no memorial da América Latina no dia 3 de março em São Paulo. O Especial "Vinte Anos sem Moreno" está no ar no Portal do PSTU e traz a cobertura completa desse evento histórico.

Notas, entrevistas, galeria de fotos, artigos e notícias trazem todos os aspectos do ato internacional. Além disso, no especial o internauta pode acompanhar a linha do tempo com os principais eventos que marcaram a vida de Nahuel Moreno, morto em janeiro de 2007.

Para você realmente se sentir em pleno ato, o especial traz ainda o vídeo completo do evento que reuniu diversas correntes morenistas na luta por uma internacional socialista. O vídeo pode ser visto na íntegra ou separado pelas intervenções. O vídeo ficará disponível até o próximo dia 3 de abril.

CONFIRA TAMBÉM A COBERTURA SOBRE OS PROTESTOS CONTRA BUSH

O Portal realizou uma cobertura completa dos protestos contra o senhor da guerra. Além dos textos, você poderá conferir uma galeria de fotos e vídeos da passeata do dia 8 de março em São Paulo. O Portal também traz áudios com as principais palavras de ordem na manifestação e a fala de Zé Maria no encerramento do ato.

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **REVISÃO** Marisa Carvalho **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5576 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282 Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 28 Asa Sul - Brasília - DF (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629 *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2519 - (91) 3226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sala 4

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Leão Coroado, 20 - Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CURRAIS NOVOS - Rua Candido Mendes, 150, Centro

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ALVORADA - Rua Jovelino de Souza, 233, Parada 46 (51) 9284-8807
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br* *www.pstusp.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - R. Coronel Domingos Ortiz, 423 - Centro *francodarocha@pstu.org.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Dr. Gurgel, 1555 - Vila Sta. Helena - (18) 3221-2032
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186 *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

DUAS IMAGENS

Duas imagens valem mais que muitas e muitas palavras. A primeira é do abraço entre Lula e Bush, na visita que ele iniciou aos governos que considera seus aliados na América Latina. A segunda é da repressão pela polícia da mobilização anti-Bush na Avenida Paulista.

Esses fatos devem ficar guardados na memória dos trabalhadores e estudantes de todo o país. Bush deve ser repudiado por ser o representante do governo imperialista mais importante do planeta. Certo? E quem é o principal ponto de apoio de Bush no Brasil e na América Latina? A resposta é Lula.

Isso explica a primeira imagem e também a segunda. A repressão militar ao ato de São Paulo não pode ser atribuída unicamente ao governo Serra (PSDB). Há uma co-responsabilidade clara do governo federal. O maior esquema policial de nossa história foi montado pelo governo petista não só para impedir atos terroristas contra Bush, mas também para impedir que as mobilizações o perturbassem.

LULA, UMA PEÇA CHAVE DO ESQUEMA DE BUSH

O que aconteceu semana passada já seria gravíssimo em qualquer situação, mas fica ainda pior porque Lula está dando todo seu apoio a um governo Bush enfraquecido, que veio à América Latina buscando recuperar a iniciativa política.

Bush vive uma crise política marcada pelo desastre crescente da invasão militar no Iraque e a onda antiimperialista que avança em todo o mundo. Na América Latina, o maior efeito dessa crise é a série de grandes lutas contra os planos neoliberais e seus reflexos, que levaram a insurreições ou a vitórias eleitorais de governos que se diziam de oposição ao neoliberalismo.

Caiu por terra o velho argumento reformista de que “não se pode romper com o imperialismo porque ficaríamos isolados”. Uma ruptura do Brasil com o imperialismo teria o efeito de um terremoto no continente e se apoiaria em uma forte base nas massas empobrecidas da América Latina.

Os governos da “centro esquerda” do continente estão formalmente divididos em dois blocos: um deles capitaneado por Lula (que inclui Tabaré Vasquez, do Uruguai, e Michelle Bachelet, do Chile), diretamente submisso ao imperialismo ianque. A viagem de Bush, não por acaso começou pelo Brasil e continuou no Uruguai.

O outro bloco, comandado por Chávez, é composto por governos que viveram situações revolucionárias em seus países que lhes obrigam a ter um discurso antiimperialista. Existe uma enorme distância entre o discurso e a prática desses governos, que seguem pagando a dívida externa e aplicando os planos neoliberais. Nenhum deles se propõe a romper com o FMI ou com o neoliberalismo, mas capitalizam o sentimento antiimperialista amplamente difundido no continente. No mesmo período da viagem de Bush, Chávez também fez um giro pelo continente, fazendo atos anti-Bush na Argentina e Bolívia.

> **OS ATOS CONTRA A VISITA DE BUSH também tiveram um caráter contra o governo Lula. Em vários lugares pode-se ouvir o “Fora Lula do Haiti”.**

A visita ao Brasil foi uma expressão da importância dada por Bush a Lula, como um ponto de apoio na América Latina fundamental para se contrapor ao crescente peso popular de Chávez. Lula correspondeu plenamente ao chamado de Bush. Não só mantém as tropas brasileiras no Haiti, como prepara as reformas neoliberais reivindicadas pelo FMI, como a da Previdência e a sindical e trabalhista.

OS ATOS E O FRACASSO DOS GOVERNISTAS

Os atos anti-Bush que sacudiram o país nos dias 8 e 9 integraram o Brasil ao circuito mundial de mobilizações que perseguem o presidente dos EUA onde quer que ele vá. Os atos também assumiram em sua maioria um caráter antigovernamental contra Lula. E isso gerou diversas crises.

Notou-se, além dos movimentos feministas, a presença numerosa de setores de oposição ao governo, com a Conlutas e o PSTU com grande peso, assim como do PSOL, Intersindical e outros setores.

Mas também estiveram presentes representantes do PT, PCdoB e MST, que compõem a base de apoio do governo. Essas organizações buscaram explicitamente evitar que a mobilização se chocasse com o governo Lula. Era como se estivéssemos lutando contra um inimigo externo e não se pudesse criticar o governo, que eles entendem como um “aliado” contra Bush. Uma representante do PT perdeu a cabeça no ato de São Paulo, atacando histericamente os que criticavam o governo Lula.

No entanto, foi impossível esconder que o governo do PT apóia e é apoiado por Bush. Por isso, os atos assumiram também uma postura crítica à Lula. Em particular, foi enfatizada em todo país a denúncia da ocupação militar do Haiti por tropas brasileiras a serviço do imperialismo ianque.

A visita de Bush expressou com clareza a polarização crescente em que está metido o país. De um lado, Bush e Lula abraçados e protegidos por uma brutal operação policial. De outro, mobilizações radicalizadas em todo o país, ainda que de vanguarda.

No meio disso, o PCdoB e MST, além de setores do PT, que estiveram nas mobilizações para tentar manter o controle do movimento, mas fracassaram. Os ativistas honestos que ainda estavam iludidos com o governo Lula têm a obrigação neste momento de romper com este governo aliado de Bush.

VAMOS DAR O TROCO NO DIA 25

É possível dar a resposta contra Lula, Bush e seus acordos. No dia 25 de março, um Encontro Nacional vai reunir os sindicatos, entidades estudantis e populares que estão contra as reformas neoliberais do governo Lula.

A Conlutas, assim como setores das pastorais da igreja, confederações sindicais, a Intersindical e muitas outras organizações estão convocando este encontro com o objetivo de definir um plano de luta conjunto contras as reformas.

Não se pode lutar contra Lula e Bush sem construir a unidade do campo dos trabalhadores.

A resposta pode ser dada com a preparação de mobilizações que o governo Lula não enfrentou até agora. A amplitude da frente que estamos construindo nos permite apontar para uma luta unificada que vai desde o primeiro de maio até uma grande mobilização nacional no segundo semestre de 2007.

Do lado de lá, Bush e Lula já fizeram seus acordos contra nós. É hora dos trabalhadores e estudantes forjarmos os nossos acordos de luta contra as reformas.

OS 80 ANOS DO MESTRE DO REALISMO FANTÁSTICO

NO DIA 6 DE MARÇO o escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez comemorou 80 anos de uma vida dedicada à literatura. Autor de "clássicos" como "Cem anos de solidão", o escritor colombiano é exemplo de como as relações entre literatura e realidade podem tomar dimensões das mais inusitadas.

WILSON H. SILVA, da redação

As comemorações e homenagens a Garcia Márquez se estenderão durante todo o ano, já que, em 2007, também se celebram os 40 anos da primeira publicação de seu livro mais conhecido, "*Cem anos de solidão*", definido por Pablo Neruda como "*o melhor romance em língua castelhana depois do Quixote*", de Cervantes.

O que se sobressai em seus livros são os pulsantes retratos de uma América Latina cuja realidade flui em histórias onde se mesclam as mazelas que marcaram nossa colonização. Dentre elas está a lamentável recorrência de latifundiários, caudilhos e ditadores em nossa História e as contradições surgidas da convivência nem sempre tranqüila entre as culturas nativas e a européia.

O REALISMO MÁGICO...

São esses elementos que se encontram na base daquilo que se convencionou chamar de "*realismo fantástico*" ou "*realismo mágico*", estilo que tem seus principais representantes no próprio Gabo, nos argentinos Júlio Cortazar e Jorge Luis Borges e no cubano Alejo Carpentier.

Gabo produziu centenas de textos jornalísticos, dezenas de contos e romances, além de roteiros para cinema e TV. Mesmo que seja extremamente difícil apontar uma única característica que tenha marcado toda sua obra, é possível ao menos destacar um elemento que permeia todo o seu universo literário: a impressionante capacidade de relatar tudo aquilo que é, aparentemente, inverossímil, inusitado e mágico como sendo tão real e possível quanto aquilo que nos parece lógico e cotidiano.

Em "Cem anos", por exemplo, sete gerações da família Buendia-Iguarán se sucedem no desenrolar de uma história marcada por episódios reais, dramas familiares e lances mágicos (como a "mulher mais linda do mundo" que é arrebatada pelo vento, sumindo no ar). Tais episódios servem como metáforas para os muitos descaminhos da América Latina, sua conquista, seu (sub) desenvolvimento, a exploração mercantil e capitalista, suas revoluções e contra-revoluções.

Esta metáfora é construída através de uma estrutura circular que faz com que a mítica Macondo (país imaginado pelo autor) passe por diferentes "ciclos": a criação, a desintegração, a destruição e a criação, através da própria literatura. Um processo marcado, de forma bastante interessante, por uma "*epidemia de insônia*", cuja principal conseqüência é o esquecimento do passado, uma característica tão dolorosamente típica em terras latinas americanas (seja pela situação massacrante em que os povos latinos vivem, seja pela manipulação absurda feita pelos poderosos).

...E O GROTESCO DA REALIDADE.

Apesar de ter sua vida marcada pela militância de esquerda, o universo de Garcia Márquez é povoado por uma infinidade de personagens vinculados à aristocracia latifundiária e aos corruptos governantes. Exemplo disso é "*O outono do patriarca*" (1975), que narra a absurda saga de um ditador tão solitário quanto grotesco, tema também abordado em "*O general em seu labirinto*" (1989).

São personagens como esses que atravessam o caminho de gente que tem como único objetivo satisfazer um desejo de felicidade quase mítico, uma espécie de resgate de um tempo há muito perdido, antes da colonização, da exploração, da separação entre o que é realmente "sagrado" e aquilo que foi "sacralizado" e imposto pelo Capital e seus mandatários.

Essa busca – utópica, é verdade, mas, fundamental para o ser humano – é o que alimenta a narrativa de livros como "*A incrível história da cândida Erêndira e sua avó desalmada*" (1977) ou "*Crônica de uma morte anunciada*" (1981).

Neste último, Gabo baseou-se numa história real – o assassinato de Santiago Nasar, acusado de "desonrar" uma moça, já anunciado na primeira linha do livro – para debruçar-se sobre os poderes que se escondem por trás desta história de vingança e a hipocrisia e a conivência da população com o crime.

É nesta mesma vertente que segue "*Amor nos tempos do cólera*" (1987), ao narrar uma história de amor que ultrapassa os limites do tempo e da idade (sobre um homem que passa 53 anos, quatro meses e 11 dias à procura de sua amada) para compor um belíssimo quadro sobre tudo aquilo que nos faz humanos e nos faz seguir adiante, mesmo num sistema doente e contaminador como o nosso.

UM CIDADÃO DO MUNDO... COM UM CORAÇÃO CASTRISTA

Gabo abriu a comemoração dos seus 80 anos na ilha de Cuba, ao lado de seu velhíssimo amigo Fidel Castro. Em nossa opinião, como muitos outros, Garcia Márquez confunde a revolução cubana com o regime de Fidel , a quem já definiu como "*um bom ditador*".

Nós não temos nenhuma simpatia por Fidel e seu regime, mas o mesmo não podemos dizer em relação a um de seus mais ilustres amigos. Obviamente, com isso não queremos isentar o escritor de igualar-se a muitos dos seus próprios personagens, na medida em que, ao apoiar Fidel, envereda por caminhos muitos mais pautados em fantasiosa utopia (a de que o ditador cubano seja uma alternativa socialista) do que na própria realidade.

Contudo, isso não faz de sua obra algo menos genial. Sua liberdade criativa jamais ficou comprometida. A marca da obra de Gabo é o combate à alienação. A alienação do povo latino de sua própria história; a alienação da vida em relação à arte e, principalmente, da própria arte em relação à vida.

Algo que ele próprio sintetizou ao receber seu Prêmio Nobel: "*Aquilo que os europeus e norte-americanos vêem como mágico é o cotidiano da realidade e da imaginação em nossas vastas e desoladas comarcas. São os pólos de nossa contradição: o contemporâneo, o arcaico*". Uma contradição que, nas suas palavras, precisa ser desfeita para "*possibilitar a todos aqueles que foram condenados a cem anos de solidão uma segunda oportunidade sobre a terra*".

OBRAS DE GARCIA MÁRQUEZ:

* Ninguém escreve ao Coronel (1962)
* Crônica de uma morte anunciada (1981)
* O amor nos tempos do cólera (1985)
* O general em seu labirinto (1989)
* Doze Contos Peregrinos (1992)
* Do Amor e Outros Demônios (1994)
* Notícias de um Seqüestro (1996)
* Memórias de Minhas Putas Tristes (2004)

UM ASSALTO DENTRO DA LEI

JEFERSON CHOMA, da redação

"Difícil distinguir um assalto a banco da fundação de um banco". Essa frase atribuída a Karl Marx nunca foi tão precisa. Se pudesse ver os lucros dos bancos brasileiros durante o governo Lula, o velho revolucionário alemão seria certamente tomado de súbito pavor. Nas últimas semanas, as principais instituições financeiras do país divulgaram seus lucros exorbitantes. Mais uma vez quebraram recordes que nenhum medalhista olímpico jamais sonhou.

De acordo com o jornal Folha de S. Paulo do dia 12 de março, a soma dos lucros das 104 instituições financeiras que operam no Brasil fechou 2006 em R$ 33,4 bilhões. Esse valor corresponde a um retorno de 22,9% sobre todo o patrimônio dos bancos. Só para efeito de comparação, a rentabilidade média dos bancos que operam nos Estados Unidos é de 15%.

Em 2005, os lucros do setor ficaram em R$ 28,3 bilhões, um retorno de 22,6%. Um dos principais fatores que provocaram tal aumento exorbitante nos lucros dos banqueiros foi o aumento das tarifas aos clientes.

Enquanto em 1996 as taxas fizeram os bancos lucrarem R$ 12,1 bilhões, em 2006, os banqueiros ganharam nada menos que R$ 47,5 bilhões extorquindo a população, um aumento de 293%. Enquanto isso, o aumento com a folha de pagamento dos funcionários sofreu um reajuste de apenas 55%, sendo que a inflação do período foi de 92,7%. Ou seja, enquanto aumentam de forma abusiva as taxas e tarifas, os bancários amargam arrocho e são superexplorados.

RINDO À TOA

De acordo com os dados, o Bradesco, maior banco privado do país, obteve um lucro de R$5,054 bilhões no ano passado. Levando-se em consideração eventos extraordinários, como o pagamento de ágio na aquisição de outras instituições, o resultado foi 8,3% menos que o lucro líquido de 2005 (de R$5,51 bilhões). No entanto, descartados esses efeitos, o lucro soma R$ 6,36 bilhões, ou 15,42% a mais do que em 2005.

Já o Itaú teve lucro líquido de R$4,31 bilhões, resultado 18% menor que o obtido em 2005. Prejuízo? Nada disso. O banco apenas incluiu na conta a compra do BankBoston. Excluindo os efeitos da aquisição, o resultado do segundo maior banco privado do país foi positivo em R$6,48 bilhões (23,4% a mais do que em 2006).

Outro banco que está sorrindo à toa é o ABN Amro Real, que fechou 2006 com um lucro líquido de R$2,05 bilhões, 43% maior do que em 2005.

ASSALTO AOS CÉUS!

É correto atribuir a esses lucros estupendos à política econômica do governo Lula, já que impõe as maiores taxas de juros do mundo. Entretanto, há um componente novo no balanço dos lucros. Trata-se do aumento pela procura de créditos. "Nossas receitas de prestação de serviços foram positivamente afetadas pelo crescente volume das operações de crédito", divulgou em nota o Itaú.

O crescimento na carteira de empréstimos para pessoas físicas, especialmente do chamado crédito consignado, é um traço comum entre os banqueiros para explicar o espantoso aumento dos lucros.

O crédito consignado é uma nova modalidade de empréstimo, criada em 2003 pelo governo Lula, sob a desculpa de facilitar acesso dos pobres aos empréstimos bancários. O crédito é concedido especialmente a pessoas de baixa renda, como aposentados, funcionários públicos e trabalhadores da iniciativa privada que têm descontados nos salários os empréstimos contraídos nos bancos.

De lá para cá, esse tipo de serviço tornou-se o produto financeiro de maior sucesso. Só em 2004 – um ano após a criação – seu crescimento foi de 120%, muito maior do que qualquer outro tipo de produto como o cheque especial ou cartão de crédito. As taxas de juros anuais são em média de 30% e a rentabilidade é certa para os banqueiros, uma vez que o risco de inadimplência é praticamente zero, já que as parcelas do empréstimo são descontadas diretamente da folha de pagamento. Em outras palavras, o crédito consignado é uma forma de transferência da renda dos pobres para o cofre dos bancos.

No Bradesco, os empréstimos a clientes pessoa física tiveram expansão de 19,2% em 2006. Consciente de que o negócio é uma verdadeira mina de ouro, o banco comprou no início do ano, por cerca de R$ 800 milhões – uma pechincha – o BMC, que é o segundo maior banco no segmento de crédito consignado para aposentados e pensionistas do INSS. Em 2006, o BMC viu sua carteira crescer 69%, ou R$427 milhões. Atualmente, a carteira de crédito do BMC soma R$2 bilhões, sendo que 58% correspondem a empréstimos com desconto em folha de pagamento.

> **A SOMA DOS LUCROS das 104 instituições financeiras que operam no Brasil fechou 2006 em R$ 33,4 bilhões.**

Vale lembrar que o BMC foi a galinha dos ovos de ouro no esquema do "valerioduto" que financiou as campanhas do PT. Agora, o Bradesco pretende dobrar para R$3 bilhões sua carteira nesse segmento.

O Itaú também deseja aumentar sua participação no crédito consignado. Em 2006, a parcela do Itaú dedicada a esse serviço era de aproximadamente R$ 2 bilhões. Esse ano, a estimativa é de uma expansão de 20% no volume concedido pelo banco.

ARMADILHA

Para os trabalhadores, o crédito consignado funciona de forma semelhante ao sistema de extorsão existente em regiões de fronteira agrícola do país, onde é comum a prática de trabalho semi-escravo. Nelas, trabalhadores rurais são atraídos por propostas de trabalho digno, mas acabam caindo numa armadilha. O salário que recebem sofre descontos em alimentação, vestuário, moradia etc, constituindo um círculo vicioso em que o empregado sempre fica devendo ao patrão. Com isso, vários trabalhadores não recebem nada, pois têm suas "dívidas" permanentemente descontadas nos seus salários.

O exemplo está longe de ser um exagero, especialmente se analisarmos o caso dos aposentados, principais vítimas do crédito consignado. Aposentados e pensionistas do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) já tomaram R$20,2 bilhões em empréstimos consignados (com desconto direto no benefício).

Os aposentados, que já acumulam perdas salariais há muitos anos, ao contraírem empréstimos, recebem no pagamento seguinte um valor diminuído em razão do desconto da parcela. "Além de não receber reajustes durante muito tempo e ter contraído dívidas, passa a receber menos do que recebia antes do empréstimo e continua com as dívidas, porque, uma vez pego nas malhas dos agiotas institucionalizados, a pessoa dificilmente consegue se livrar deles", explica Clemilce Carvalho, da Associação dos Auditores Fiscais da Previdência Social do Estado do Rio de Janeiro (Afiperj).

Nunca os banqueiros lucraram tanto no Brasil como no governo Lula. O vergonhoso lucro dos bancos contrasta com imensa miséria da maioria da população. A política econômica do governo Lula é de um Robin Hood às avessas. Retira dos pobres para dar aos ricos. Alguma dúvida sobre a razão dos bancos fornecerem milionários financiamentos à campanha de reeleição de Lula?

Unidos contra os trabalhadores

JEFERSON CHOMA, da redação

O presidente George W. Bush desembarcou em São Paulo como se fosse um imperador romano visitando suas possessões coloniais. A cidade toda parou em função de um enorme aparato de segurança que envolvia de helicópteros até artilharia antiaérea. Os deslocamentos da comitiva do senhor da guerra interditaram ruas e provocaram a fúria da população. Era comum ouvir nas ruas insatisfação e revolta. "*Deveriam ter evacuado a cidade para que esse traste ficasse mais à vontade*", desabafou uma passageira de um ônibus preso em um engarrafamento. Outros ainda falavam da postura do governo brasileiro, que recebeu Bush com toda pompa e circunstância. "*Um papelão do governo brasileiro*", respondeu o cobrador à passageira.

Na capital era possível ver vários muros pichados com o "Fora Bush". Nas avenidas onde a comitiva norte-americana passou, entretanto, as pichações foram cuidadosamente apagadas por funcionários do governo. Aliás, todo o operativo de segurança teve como objetivo criar uma "bolha" para impedir ao máximo o contato com a realidade e, principalmente, com os protestos.

MOBILIZAÇÕES CONTRA BUSH...

Em sua visita anterior, há dois anos, Bush teria dito que gostava muito do Brasil porque aqui não havia protestos contra a política imperialista norte-americana. Desta vez, os milhares que foram às ruas de todo o país não só desmentiram o senhor da guerra, mas entoaram um sonoro "Fora Bush", colocando assim o Brasil no circuito mundial dos protestos antiimperialistas. Protestos que se repetiram em outros países visitados por Bush, como Uruguai e Colômbia. Mas a repressão implacável e o forte aparato de segurança não permitiram que os manifestantes chegassem próximo de Bush.

...E CONTRA LULA

Outra grande marca dos protestos é que eles não se limitaram apenas a chamar o "Fora Bush". Por todo o país, os manifestantes levantaram também a bandeira do "Fora Lula do Haiti". Em São Paulo, onde foi realizada a principal manifestação, a haitiana Raquel Dominique discursou para as milhares de pessoas que participaram do ato. Professora da Universidade do Haiti, Raquel está no Brasil com o sindicalista Didier Dominique, com quem percorreu 11 cidades, realizando palestras e exigindo o fim da ocupação das tropas da ONU em seu país.

No ato, Raquel fez um chamado ao governo Lula, exigindo o fim da ocupação militar, classificada por ela como imperialista. A denúncia da ocupação colonial dirigida pelo governo brasileiro provocou constrangimentos entre os partidos e entidades governistas presentes no ato, como PT, PCdoB, CUT e UNE. Todos esses setores tentaram preservar o governo e reduzir o caráter político do ato ao "Fora Bush". Não conseguiram.

Etanol: um grande mercado para o imperialismo

Um aspecto da visita de Bush bastante abordado pela imprensa foram as discussões sobre o etanol, um dos tipos de biocombustível. Embora Lula e Bush não tenham firmado um acordo comercial sobre as exportações brasileiras, a Casa Branca manifestou claramente interesse em investir nesse mercado lucrativo. No ano passado, o setor exportou 2,3 bilhões de litros de álcool, que renderam US$ 1,6 bilhão. A previsão de exportação para 2007 é de 4 bilhões.

O acordo sobre o etanol não vai favorecer os "interesses nacionais", mas os interesses dos usineiros brasileiros que podem ampliar suas exportações para o mercado norte-americano. A expansão de canaviais – cujo crescimento foi de 13% nos três últimos anos – prejudicaria milhões de pequenos agricultores, expulsando-os do campo e fortalecendo o modelo agrário exportador.

Tal expansão terá um impacto devastador no meio ambiente, com o avanço do monocultivo da cana em todo o cerrado e na Amazônia. A produção de alimentos seria também prejudicada, pela ocupação da terra pela cana. Basta ver o que está acontecendo com o México, que passou a importar o milho, tradicional alimento da população, o que levou ao aumento violento dos preços e à atual "crise da tortilla" (alimento tradicional mexicano feito de milho).

Além disso, esse acordo levará à desnacionalização ainda maior no campo, com a compra por capitais norte-americanos das usinas brasileiras. Ou seja, multinacionais vão controlar diretamente usinas de etanol no Brasil.

Quem confirma isso é Maurílio Biagi Filho, um dos maiores usineiros do país. Segundo ele, no ano passado 3,4% do setor estava desnacionalizado; este ano chegará a 5%. "Em dez anos, metade não será mais brasileira", disse.

Maurílio vendeu a área industrial de sua usina Cevasa para a multinacional Cargill. O homem mais rico do mundo, Bill Gates, fundador da Microsoft, comprou recentemente 25% da Pacific Ethanol para produzir álcool de milho nos EUA. Especula-se que Gates esteja prestes a concretizar a aquisição de uma usina de etanol no Brasil.

Outro objetivo do imperialismo norte-americano seria a redução de sua dependência do petróleo venezuelano, responsável por boa parte do abastecimento de seu mercado. A meta seria substituir o petróleo venezuelano pelo álcool brasileiro nos próximos anos.

Peça chave para Bush

A visita de Bush serviu para mostrar a solidez e a importância das relações do governo Lula com o imperialismo norte-americano.

Mais uma vez, o governo brasileiro estendeu o tapete vermelho para recepcioná-lo. Como se isso não bastasse, garantiu todo um aparato (jamais visto na história) para reprimir as manifestações contra o imperialismo.

A visita do senhor da guerra ocorre num cenário de crises e incertezas do imperialismo norte-americano. No campo da economia, os EUA atravessam um período delicado, como demonstraram os recentes solavancos das bolsas. Por outro lado, a situação dos EUA é muito pior quando se olha para o Iraque. As tropas ocupantes estão num verdadeiro pântano e a crescente ação da resistência iraquiana contra a ocupação coloca no horizonte a possibilidade de uma derrota militar do imperialismo.

A crise do imperialismo está diretamente relacionada ao crescimento das lutas dos povos da América Latina. O imperialismo ianque viu sua influência diminuir na região, marcada por grandes greves, mobilizações de rua e insurreições que derrubaram governos no início deste século.

Bush começou a turnê pelo Brasil para obter de Lula a colaboração necessária para restabelecer a influência dos EUA na América Latina. O fato de ser o presidente do mais importante país do continente faz com que Lula cumpra um papel decisivo no controle das lutas antiimperialistas. Pesa também o prestígio de Lula perante os trabalhadores latino-americanos. Diante do enfraquecimento do governo Bush, a serventia de Lula é inestimável para agir como interlocutor do imperialismo nas crises políticas do continente.

O governo brasileiro já deu inúmeras provas de que vai servir de parceiro na defesa dos interesses norte-americanos, como demonstra a atual ocupação militar do Haiti.

Antes mesmo do avião de Bush aterrissar em São Paulo, Lula já demonstrava que pretendia ampliar a sua colaboração com o imperialismo, ao proclamar aos quatro ventos que "nunca a relação entre Brasil e EUA foi tão boa".

A visita foi um marco na ampliação dessa "parceria". Se no seu primeiro mandato, Lula tentava manter uma aparência "ambígua" em relação ao imperialismo, comparecendo, por exemplo, no Fórum Econômico de Davos e no Fórum Social Mundial, hoje isso não existe mais. No último Fórum Social, Lula não deu as caras. Foi só a Davos.

Houve um salto nas relações entre Lula e o imperialismo. Bush pretende fazer de Lula o seu principal interlocutor latino-americano. No final deste mês, Lula viaja aos EUA e será recebido por Bush na casa de campo oficial dos presidentes norte-americanos,em Maryland, no dia 31. Para se entender o nível das relações, basta dizer que Bush nunca tinha recebido nenhum representante de outro governo nesta residência "íntima".

De acordo com o site da Casa Branca, o objetivo dessa hospedagem será "explorar caminhos" para "*aprofundar o relacionamento entre Brasil e Estados Unidos, trabalhando juntos para fortificar a democracia e a cooperação econômica internacional*".

Chávez é a saída?

Paralelamente à viagem de Bush pela América Latina, o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, organizou o seu próprio roteiro em contraponto à agenda do presidente norte-americano. No dia 9 de março, Chávez realizou um protesto contra Bush na Argentina, que reuniu 25 mil pessoas. Quando fechávamos essa edição, estava programada uma outra manifestação anti-Bush na Bolívia, que reuniria Chávez e Evo Morales.

À primeira vista, fica clara a diferença de postura entre Chávez e Lula diante do presidente dos EUA. Para milhões de ativistas fica a impressão de que Chávez enfrenta o imperialismo enquanto Lula o trata com serventia.

Existem dois blocos entre os governos ditos de "centro esquerda" na América Latina. O primeiro é liderado por Lula, com Bachelet (Chile) e Tabaré Vasquez (Uruguai), que está alinhado diretamente com o imperialismo.

O outro bloco surge mais à esquerda, sendo liderado por Chávez e inclui Morales e Rafael Correia (Equador).

Os governos deste último bloco surgiram após grandes mobilizações revolucionárias que impediram golpes e derrubaram presidentes, portanto, lidam com um nível mais radicalizado de lutas e da consciência das massas em seus países (uma conjuntura que explica as nacionalizações).

Por outro lado, os governos do bloco liderado por Lula surgiram antes do ascenso do movimento de massas e seu objetivo é esterilizar qualquer conflito social e neutralizar o antagonismo de classe.

Embora existam diferenças na postura em relação a Bush, nenhum desses novos governos "de esquerda" propõe alguma ruptura com o imperialismo. Buscam apenas negociar seus interesses e melhores condições. Quer dizer, apesar da crise que o imperialismo vive, esses governos nem sonham em romper com Washington. Nem mesmo os governos de Chávez e Evo Morales, romperam com o pagamento da dívida externa. Ao contrário, entre os países do continente, a Venezuela é um dos maiores pagadores da dívida. As nacionalizações conduzidas por Chávez e Evo possuem um caráter limitado e não expropriam as multinacionais. Servem para que esses governos negociem melhores preços para o petróleo e o gás com as multinacionais, mas não apontam nenhuma ruptura com o imperialismo ou com os planos neoliberais. Basta ver que as multinacionais seguem tendo lucros altíssimos nesses países e, por isso, nenhuma delas abandonou a Venezuela ou a Bolívia.

Nem Lula nem Chávez representam alguma opção de ruptura com o imperialismo. Essa alternativa só poderá ser alcançada com a mobilização independente dos trabalhadores em relação a esses governos.

BUSH MANDA ACELERAR REFORMAS MAS OS TRABALHADORES PREPARAM A RESPOSTA NO DIA 25

Há um outro objetivo ainda na visita de Bush ao Brasil. Trata-se de supervisionar a implementação das reformas neoliberais no país. Antes mesmo do norte-americano desembarcar, Lula fez questão de mostrar que está comprometido com a implementação das reformas recomendadas pelo FMI. Dias antes, defendeu publicamente a limitação do direito de greve para o funcionalismo público, dizendo que "só um ex-sindicalista pode propor restrições ao direito de greve". A restrição às greves é um dos pontos cruciais da reforma sindical.

Enquanto isso, a reforma da Previdência - cujo objetivo é aumentar a idade mínima de aposentadoria e desvincular os benefícios do salário mínimo – caminha a passos largos. No dia 12 de fevereiro, foi instalado o Fórum Nacional da Previdência, cujo objetivo é impor uma reforma que pareça "consenso" na sociedade, impedindo assim que o governo absorva sozinho todo o desgaste da reforma.

É preciso organizar a luta contra as reforma de Lula e Bush. A preparação do Encontro Nacional contra as reformas, que será no próximo dia 25, vem chegando à reta final nos estados. O Encontro será um importante marco para avançar na luta unitária na defesa dos direitos dos trabalhadores.

EM TODO BRASIL, 30 MIL PESSOAS FORAM ÀS RUAS CONTRA BUSH

PROTESTO EM SÃO PAULO diz não ao imperialismo e exige o "Fora Lula do Haiti"

LUCIANA CANDIDO, da Redação

Ao todo, foram cerca de trinta mil manifestantes em todo o Brasil, nos principais atos de protesto contra a visita de George W. Bush. São Paulo, maior cidade do país e local onde Bush foi recebido por Lula, teve o maior ato, com mais de 10 mil pessoas, que enfrentaram uma dura repressão. Em pelo menos outros 17 estados também houve atos de repúdio.

Em São Paulo, a população se revoltou com os transtornos causados pela visita do presidente norte-americano. O trânsito foi interrompido em vários lugares. Pessoas que moravam em barracos nas ruas por onde Bush passaria foram sumariamente despejadas. Fachadas foram pintadas. Tudo para que o presidente dos Estados Unidos encontrasse uma cidade impecável. E muito distante da realidade...

MULHERES CONTRA BUSH

A mobilização do 8 de março em São Paulo reuniu mais de 10 mil pessoas e se transformou em um enorme protesto antiimperialista. A manifestação começou com uma concentração na Praça Osvaldo Cruz e seguiu em passeata até o Masp.

As falas das mulheres expressaram a necessidade da luta contra a opressão. O Bloco Classista e Feminista, formado por PSTU, PSOL, Mulheres do PCB, LER-QI, Conlutas e Intersindical, teve grande destaque. O Bloco lembrou o papel criminoso que o governo brasileiro cumpre ao liderar a ocupação do Haiti e diversos ativistas entoaram "Fora já, fora já daqui, Bush do Iraque e Lula do Haiti!".

Na medida em que avançava, a passeata ia crescendo, chegando a ter mais de 12 mil pessoas. Populares que assistiam das calçadas acabaram se somando à multidão de ativistas. Aqueles que só passavam manifestavam apoio. Foi o maior ato antiimperialista no Brasil nos últimos anos, ocupando toda uma via da Av. Paulista.

VIOLÊNCIA POLICIAL

Ativistas tentaram fechar a avenida quando chegavam em frente ao Masp. Mais uma vez, a reação por parte da polícia foi uma verdadeira selvageria. PMs desceram dos carros e bateram em quem estivesse pela frente. Gás pimenta e lacrimogêneo foram lançados indiscriminadamente.

A polícia chegou a invadir a marcha e iniciou uma nova pancadaria, utilizando porretes, gás, balas de borracha e bombas.

Muitas mulheres ficaram feridas. Um ativista foi atingido por uma bala de borracha na perna. Uma companheira ficou gravemente ferida por estilhaços de bomba e teve de ser levada às pressas para um hospital.

A repressão policial não é culpa apenas do governo estadual de São Paulo, dirigido por José Serra. Também é culpa do governo Lula. A repressão foi produto de todo um operativo, cujo objetivo era isolar da comitiva de Bush todo e qualquer tipo de protesto. Tal operação foi coordenada pelo governo federal e pala Agência de Inteligência Americana (CIA).

CAÇA AO BUSH

Apesar da repressão, os protestos não cessaram. No dia seguinte ao grande ato da Paulista, cerca de 100 estudantes da Conlute saíram a "caça de Bush". Eles carregavam faixas e seguiam em direção ao Hilton Hotel, onde Bush almoçaria com Lula. No trajeto, os estudantes cruzaram com a comitiva de Laura Bush, primeira-dama dos EUA.

Próximos ao Hilton, os manifestantes se juntaram a outros ativistas. O ato se encerrou com a queima da bandeira dos Estados Unidos. Enquanto isso, dentro do hotel, Lula e Bush compartilhavam um almoço de luxo, acompanhados pelas respectivas esposas, pela secretária de Estado norte-americana, Condollezza Rice, e pelo ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim. A tranqüilidade do almoço, entretanto, foi abalada pelos gritos de protesto que não puderam ser abafados.

PROTESTOS SACODEM AMÉRICA LATINA

O repúdio à presença de George W. Bush na América Latina levou milhares de pessoas às ruas em vários países. Na Argentina, o presidente venezuelano Hugo Chávez liderou uma grande mobilização contra Bush num estádio de futebol. O ato teve a participação massiva de piqueteiros e trabalhadores.

No Uruguai, segundo país a recepcionar o chefe do império, Bush também foi recebido por manifestações. No dia 9, cerca de seis mil pessoas foram às ruas gritar "Fuera Bush". Bonecos de Bush e do presidente Uruguaio, Tabaré Vasquez, foram queimados.

Em Bogotá, Colômbia, para onde o presidente norte-americano seguiu, mais de 3 mil pessoas foram às ruas. O direitista Álvaro Uribe comandou uma violenta repressão aos manifestantes, com jatos d'água e gás lacrimogêneo.

Na Guatemala, penúltimo ponto de parada de Bush, centenas de indígenas realizaram manifestações contra sua presença. Além disso, houve também mobilizações antiimperialistas na Bolívia, passagem da caravana alternativa de Chávez.

Brasil diz "Fora Bush"

Em todo o país, o dia 8 de março foi marcado por mobilizações antiimperialistas. No Rio de Janeiro, o Consulado dos Estados Unidos ficou manchado pela tinta vermelha jogada pelos quase mil manifestantes. Em Belo Horizonte, 500 pessoas se mobilizaram, transformando o ato de mulheres num protesto antiimperialista.

Em Porto Alegre, formou-se um Bloco de Esquerda entre PSTU, PSOL, Conlutas, Conlute e diversas entidades combativas dos movimentos estudantil e sindical. O Bloco reuniu cerca de 600 pessoas. Saindo da Praça Argentina, no centro da cidade, os ativistas caminharam até a Esquina Democrática, tradicional ponto de protesto, onde duas bandeiras dos Estados Unidos foram queimadas.

O Nordeste foi destaque nas mobilizações. Ao todo, foram cerca de 12 mil manifestantes nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe. Na Bahia, houve uma marcha com 3.500 pessoas, que queimaram bonecos e gritaram "fora Bush". Em Alagoas, os servidores em greve, junto com a Via Campesina e sindicatos, colocaram em movimento 2.000 pessoas. O pequeno estado de Sergipe, com uma população de menos de dois milhões de habitantes, levou às ruas 1.500 contra Bush. Na Paraíba, aproximadamente 2 mil pessoas tomaram as ruas de João Pessoa.

Em Fortaleza (CE), à noite, houve uma grande passeata impulsionada pelos operários da construção civil de Fortaleza que estão em campanha salarial. Os ativistas andaram por um dos bairros nobres da cidade até a Praça da Imprensa, gritando palavras-de-ordem pelo Dia Internacional da Mulher trabalhadora e em protesto contra Bush.

Na região Norte, também houve mobilização em Manaus (AM) e Belém (PA). Nesta última, havia um acampamento de mulheres montado desde o dia 5 de março, que culminou com o grande protesto intitulado "Mulheres da Amazônia contra o imperialismo e em defesa de seus direitos".

"MINHA DEMISSÃO FOI GOLPE DA EMPRESA AOS QUE RESISTEM E LUTAM"

A campanha internacional em defesa da readmissão dos diretores do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC pela oposição, Rogério Romancini, o Rogerinho, e Biro-Biro, cresce e ganha força em todo o país, recebendo também o apoio de entidades e organizações de outros países. Após o lançamento de uma moção de apoio aos demitidos e em repúdio à Volkswagen, a oposição realizou um ato público no dia 6 de março e prevê uma série de mobilizações até a reintegração dos metalúrgicos.

O diretor sindical Rogerinho foi demitido no dia 16 de fevereiro, em plena sexta-feira de Carnaval. Sua demissão foi um duro ataque da Volkswagen ao direito de organização dos trabalhadores. Já Biro-Biro foi demitido no ano passado, mesmo estando lesionado. O Opinião Socialista conversou com Rogerinho, que falou sobre a campanha em defesa da livre organização sindical e contra os ataques da empresa.

DIEGO CRUZ, da redação

Opinião Socialista - Como está a campanha pela sua readmissão e a do companheiro Biro-Biro?

Rogerinho -A campanha está crescendo, já chegaram declarações de apoio desde deputados do Congresso Nacional até entidades sindicais, estudantis e do movimento popular. Moções de apoio de vários estados e até de outros países começam a chegar e pessoas individuais também, através do site do PSTU ou da Conlutas, vêm chegando bastante mensagens.

WLADIMIR SOUZA

Opinião - Como foi a sua demissão?

Rogerinho - A demissão ocorreu às dez e meia da noite de sexta do Carnaval. A gente até brincou dizendo que, enquanto a Tom Maior (escola de samba de São Paulo) entrava para desfilar contando a história dos metalúrgicos do ABC, diretores do sindicato estavam sendo demitidos pela Volkswagen. O argumento foi que eu estava incluído no PDI, independente de ser diretor do sindicato ou não. Isso ocorreu porque a oposição tem tido o papel de denunciar todos os ataques que o acordo já continha e ainda contém, com demissões, retirada de direitos, ou seja, uma série de ataques que os trabalhadores estão sofrendo.

Opinião - Essa demissão não é um fato isolado, mas se dá no marco de aumento da repressão contra os trabalhadores dentro da fábrica. Fale um pouco sobre isso.

Rogerinho - Exato. O acordo sobre a reestruturação mundial provoca isso, inclusive com fusões. A área de caminhões da Volks está neste processo e será transformada, junto com a Scania e a Man alemã, na maior empresa de caminhões do mundo. E o grupo Volkswagen vem aumentando as demissões. Teve companheiros da Espanha, Bélgica e da própria Alemanha, que fizeram greves, além de vários outros países. No ano passado e este ano segue esse processo. Continuando os ataques, além das demissões, esta semana na Ala 14, área em que eu trabalhava, a direção da empresa cortou o horário que os companheiros tinham para ir ao banheiro depois da janta. O sindicato esteve ontem na fábrica, mas ao mesmo tempo a empresa disse que "se quisesse, que parasse a linha então", e o sindicato não parou. Isso é uma medida que continha no acordo, porque o sindicato e a comissão se comprometeram a reduzir o tempo de fabricação de um carro, como são apenas cinco minutos de café, esse tempo entrou como parte da negociação.

Opinião - Este mais recente ataque à oposição se dá num contexto de crescimento dela dentro da fábrica.

Rogerinho - Sim, na eleição passada da comissão, em 2003, tivemos 43% do total de votos na fábrica e a situação teve 53%. Na eleição do Comitê Sindical, para a diretoria do sindicato, fomos eleitos e obtivemos 37%. Após o acordo, o desgaste da atual direção foi muito grande. E em maio haverá outra eleição da Comissão de Fábrica. Então, foi um golpe da empresa aos membros da comissão e do comitê que resistem e lutam aos ataques dela.

Opinião - Qual vem sendo a posição do sindicato diante das demissões?

Rogerinho - Nós estamos chamando eles. Fizemos uma carta pedindo um ato unificado, a publicação no jornal da entidade e uma reunião oficial com a empresa. Eles não haviam dado resposta, então nós tomamos a primeira iniciativa que foi fazer um ato no último dia 6, com mais de 20 entidades presentes. A repercussão foi boa entre os trabalhadores na fábrica e, na seqüência, tentamos montar um acampamento às 5 horas da manhã, mas a empresa veio com toda a força, com seguranças e a polícia. Então, estamos fazendo esse debate com o sindicato, para a entidade divulgar a campanha no jornal e participar conosco de um ato unificado, com a presença dos parlamentares que assinaram a moção de repúdio à nossa demissão e com entidades sindicais e dos movimentos populares.

Opinião - Quais os próximos passos da campanha?

Rogerinho - Devemos retomar o acampamento na manhã desta terça-feira. A empresa devia estar preocupada com a visita do chefe de Estado alemão ao país na semana passada e por isso reprimiu nossa manifestação [a repressão da empresa se deu durante a visita do presidente alemão Horst Köhler ao Brasil]. Também faremos um ato político com as entidades e parlamentares que assinaram a moção de repúdio.

SOLIDARIEDADE

Mensagens exigindo as recontratações podem ser enviadas para:
nilton.junior@volkswagen.com.br (Diretor de relações trabalhistas da Volks)
presidencia@smabc.org.br
Entre também no portal do PSTU e mande um e-mail de protesto para a Volks.

CAMPANHA SALARIAL CRESCE EM FORTALEZA

FÁBIO JOSÉ,
de Fortaleza (CE)

O desenvolvimento da campanha salarial dos operários da construção civil da região metropolitana de Fortaleza não pára de surpreender. No último dia 8 – Dia Internacional da Mulher e momento da visita de Bush ao Brasil –, mais de mil trabalhadores ganharam as ruas e deram mais um recado aos patrões: sem o atendimento das reivindicações, 2007 promete ser o ano de uma das mais poderosas greves da história da categoria.

Os primeiros operários começaram a chegar à praça Portugal, no bairro Aldeota (Fortaleza), antes das 18h. Aproximadamente 15 ônibus, vindos de vários distintos canteiros de obra, foram chegando e ocupando todos os espaços ao redor da praça. Em meia hora, a manifestação ganhou as ruas da capital cearense. É evidente que a defesa da pauta da campanha salarial foi o carro-chefe da mobilização. Paralelamente, contudo, a manifestação assumiu um caráter nitidamente antiimperialista, contra a presença do presidente norte-americano no Brasil, realçando também a expressão classista do dia da mulher trabalhadora. O ato de encerramento, na praça da Imprensa, reforçou o caráter classista e antiimperialista que marcou toda a atividade.

O brilho e a força da passeata operária foram avivados pela presença de dezenas de ativistas da juventude secundarista e universitária, bem como de representantes de diversos sindicatos e oposições. A Conlutas se fez presente e utilizou a palavra para salientar a necessidade de fortalecer o Encontro Nacional Contra as Reformas Neoliberais, no dia 25.

No dia seguinte à grande caminhada organizada pelo Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, a patronal esteve mais tímida na mesa de negociação, demonstrando que só uma ação combativa da categoria pode dobrar a intransigência dos patrões. O operariado quer muito mais! Além de aprovar o estado de greve, no dia 22 se dará a próxima assembléia, onde poderão ser aprovadas medidas de luta muito mais contundentes, inclusive uma indicação rumo à greve.

A DITADURA DO PROLETARIADO E A TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO

JOÃO RICARDO SOARES, da Secretária de Formação do PSTU

Inicialmente, *A Ditadura Revolucionária do Proletariado*, obra de Nahuel Moreno, publicada pela primeira vez na Colômbia em 1979, teve como objetivo polemizar com uma resolução escrita por Ernest Mandel para o XI Congresso do Secretariado Unificado da IV Internacional. Esse documento de Mandel, conhecido como *Democracia Socialista e Ditadura do Proletariado*, fazia concessões programáticas e de princípios aos partidos comunistas europeus que rompiam com Moscou, movimento que ficaria conhecido como eurocomunismo. Porém, *A Ditadura revolucionária do Proletariado*, tanto pelos temas que aborda, como pela metodologia utilizada, transcende o objetivo inicial do debate e revela-se de uma profunda atualidade.

A ATUALIDADE DO SOCIALISMO E A TEORIA DA TRANSIÇÃO

Um dos temas centrais da obra de Moreno é a atualização da teoria da transição ao socialismo. Depois da derrocada da URSS, houve um profundo questionamento ao marxismo, desde os que passaram de malas e bagagens para o regime democrático burguês, como os que negaram que a luta pelo socialismo passa pela necessidade da conquista do poder do Estado. Mas nenhuma das correntes que negam a perspectiva socialista entra a fundo no debate sobre o tema da transição.

Moreno, ao polemizar com Mandel sobre o caráter do novo Estado, explica como o marxismo revolucionário foi desenvolvendo uma teoria da transição ao socialismo a partir dos grandes acontecimentos da luta de classes. Segundo ele, o fato da revolução socialista vencer num país somente inicia uma primeira fase, mas a tarefa fundamental é a luta pela derrota do imperialismo.

Partindo de Marx, Moreno demonstrou, por meio da experiência da Revolução Russa (1917), que há uma primeira etapa a ser vencida antes da implementação do socialismo, que é a da luta implacável desse novo Estado contra o imperialismo. Segundo Moreno, a mobilização das massas para derrotar o imperialismo em escala mundial é a tarefa fundamental de um Estado operário. Essa tarefa subordina todas outras, como a planificação da economia, o desenvolvimento das forças produtivas, a plena democracia soviética, etc.

OS PROGRAMAS PARA O PERÍODO DE TRANSIÇÃO

Moreno distingue três programas que historicamente se apresentaram para enfrentar o período de transição. Com variações de argumentos e de formas, há uma profunda atualidade nesta classificação. Inicialmente, o que ele chamou de "*burocrático reformista*", que, em nome de preservar as conquistas nacionais, ignorou a necessidade de destruir o imperialismo. Esta política da burocracia, diz Moreno, acabou levando aos acordos com o imperialismo e à derrota de toda e qualquer transição ao socialismo. Por outro lado, temos os que defendem a aplicação do programa máximo, ou seja, a realização imediata das tarefas de transição ao socialismo antes que a ameaça imperialista seja aniquilada. Apesar da crítica correta à opressão ditatorial e burocrática, vêem somente as necessidades da liberdade política, não estabelecendo uma relação entre elas e a realidade concreta.

Para Moreno, o correto é o terceiro programa fundamentado na obra de Trotsky. Somente ela, sobretudo o Programa de transição e a Revolução permanente, consegue harmonizar as tarefas aparentemente contraditórias. E esse movimento deverá se expressar em todos os terrenos da vida: da manutenção do exército regular para a defesa do país, com as milícias populares e o armamento do povo, à necessidade de funcionários especializados no aparato do Estado, com a diminuição da jornada para que a classe se ocupe das tarefas de administração estatal. A essência desta etapa é, portanto, uma profunda relação entre o imediato e o histórico, entre o programa e a realidade sobre a qual ocorrem as revoluções: "*Em toda esta primeira etapa, a combinação dessas atividades tendências, leis (...) estará determinada pelas necessidades revolucionárias e pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas, pelo peso da classe operária, pelo avanço da economia de transição e, principalmente, pelas relações entre a contra-revolução imperialista e a revolução socialista mundial*". (p. 279). "*Que as massas se mobilizem e nessa mobilização, façam o que democraticamente decidirem. Esta é a nossa norma fundamental*", escreve Moreno.

O movimento operário neste último século esteve sempre polarizado pelas definições de ordem tática que, em última instância, obedeceram a distintas opções estratégicas: da militância revolucionária nos sindicatos, ao sindicalismo ou à negação da atuação nos sindicatos; o mesmo em relação ao parlamento burguês, desde a adaptação ao parlamento até a negação da participação nas eleições; da guerrilha como um método à ela como única forma de luta.

A tradição bolchevique não fez fetiche de nenhuma forma de luta. O grande desafio dos revolucionários é saber como exercer a atuação do programa estratégico na militância cotidiana. Nesse sentido, *Ditadura Revolucionária do Proletariado* é um exemplo de como a realidade concreta nunca modifica os princípios fundamentais da estratégia.

Assim, a tarefa de construção do novo não tem nenhum fetiche organizativo e de forma, mas responde a um conteúdo fundamental: o de ser uma ação consciente das massas em luta. Por isso, a mobilização permanente toma distintas formas institucionais, que, por sua vez, correspondem ao período da luta entre as classes, desde a organização sindical nos dias de hoje até o Estado proletário amanhã.

Mas, se as instituições de classe são a forma que a mobilização permanente adquire, a estratégia concentrada no programa toma a forma dos partidos nacionais e da Internacional, sem a qual as energias da luta se dissipam, seja antes ou depois da tomada do poder.

Porém, falta um terceiro elemento, que diz muito sobre o caráter de uma direção que está à frente das instituições da classe operária. A luta pelo poder deve ser uma ação consciente e a única forma pela qual essa ação consciente pode se expressar é a democracia operária: "*Apesar de que temos que aplicar normas programáticas, a lei absoluta é a da luta de classes. Estamos a favor de que as massas revolucionárias façam o que quiserem, que tomem as iniciativas que lhes pareçam adequadas. Este é o principio absoluto de toda nossa ação política. Que as massas se mobilizem e nessa mobilização, façam o que democraticamente decidirem. Esta é a nossa norma fundamental*".

De nossa parte, nos resta acrescentar que os princípios que norteiam a nossa luta pelo socialismo devem ser exercidos no dia-a-dia. Mudam a intensidade e a forma, mas não o seu conteúdo: a mobilização permanente, a democracia operária e a construção da Internacional.

"NOSSA MARCA DE NASCIMENTO É NACIONAL E INTERNACIONAL"

O Opinião Socialista entrevistou Valerio Torre, dirigente do Partido de Alternativa Comunista (Pd'AC), da Itália, que solicitou recentemente filiação à Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI). Torre fala sobre a recente crise do governo de Romano Prodi, uma Frente Popular semelhante ao governo Lula, em um país imperialista como a Itália. Fala também sobre a crise de Refundação Comunista, um dos mais famosos "partidos anticapitalistas" (partidos eleitorais que criticam o capitalismo, mas não defendem a revolução socialista) que entrou para o governo de Prodi. Torre também fala da manifestação em Vicenza contra a base militar (que reuniu 100 mil pessoas) e da recém fundação do Pd'AC e sua adesão à LIT.

POR ROBERTO BARROS, da redação

WLADIMIR DE SOUZA

Valério Torre no Ato "20 anos sem moreno"

Opinião Socialista - Fale-nos um pouco da atual situação política italiana e dos acontecimentos recentes do governo Prodi.

Valerio Torre – Neste momento o governo Prodi saiu de uma crise com uma manobra, com a ajuda principalmente do Partido de Refundação Comunista (PRC) – com o qual nós rompemos, em abril do ano passado, para fundar o Pd'AC. Conscientemente foi utilizado o temor que a população tem "do retorno de Berlusconi". Com o auxílio de Bertinotti e Giordano (dirigentes do PRC e integrantes da ala esquerda do governo Prodi), foram articulados pontos políticos-programáticos ainda mais à direita em relação à carta de governo inicialmente apresentada pela coalizão eleitoral Unione.

Opinião - Como atuam os sindicatos e partidos da esquerda majoritária na Itália, em especial os setores que de alguma forma apóiam Prodi?

Torre – Tal situação se insere na mesma angulação em que atua o PRC. Todos os partidos da assim chamada "esquerda", e também os sindicatos conciliadores ("pelegos"), nunca colocam em questão o governo Prodi; continuamente operam sob o eixo de apoiá-lo e sempre o fazem com o discurso aterrorizante "do retorno de Berlusconi".

Opinião - Qual é o caráter do governo Prodi e sua composição social?

Torre – A composição social do governo Prodi traz em si, centralmente, a representação política dos poderes de classe das frações burguesas "fortes", como a Cofindustria (confederação patronal dos industriais), a confederação patronal dos proprietários de comércio, etc. Os grandes bancos do norte (região com maior concentração de capital na Itália), inclusive, quiseram a vitória de Prodi, porque o governo Berlusconi não lhes garantia o que hoje ele lhes oferece.

Atualmente, a presença de partidos de esquerda em seu interior, como o PRC, o partido dos comunistas italianos e os verdes, significa a possibilidade de esterilizar qualquer novo conflito social e controlar assim quaisquer possíveis dinâmicas de massas no país. Essa é verdadeira a razão da presença dos partidos de esquerda no governo. Essa razão foi muito bem-compreendida pela Cofindustria, os comerciantes e a grande banca financeira que querem, ativamente, a presença de Bertinotti e de outros representantes da "esquerda" no interior do governo, cuja função é a de controlar o movimento social de massas e neutralizar o antagonismo classista no país. Trata-se de um governo de frente popular preventivo.

Opinião - Fale-nos agora dos principais acontecimentos da luta de classes hoje na Itália.

Torre – Neste momento a luta social de Vicenza é o ponto mais alto de conflito nacional com o governo Prodi. Nós estamos muito felizes com a atuação de nosso Pd'AC, porque uma de nossas dirigentes nacionais – Patricia Cammarata – constituiu-se como uma das mais destacadas lideranças públicas desta luta, figurando entre os três companheiros que intervieram na conclusão do ato (contra a implantação de uma base militar norte-americana na região). Trata-se da principal luta hoje desenvolvida no país, que determinou inclusive a crise atual do governo Prodi, e isso é muito significativo. No momento em que se decide sobre gastos militares e o refinanciamento das tropas de ocupação (italianas) no Afeganistão, o caso de Vicenza ocupa o lugar de maior crise e mal-estar entre o movimento social de massas italiano. A participação dos partidos da ala esquerda da Unione desempenhou a função de tentar garantir que a manifestação não escapasse ao seu controle, transformando-se assim em um conflito contra o governo. Mas foi público que se tratava de uma manifestação nitidamente antigoverno.

Opinião - Qual é a relação entre a política externa e a "guerra econômica" contra os trabalhadores italianos do governo Prodi?

Torre – A relação entre a política externa de aumento das despesas militares e o programa econômico interno do governo Prodi é muito estreita. O interesse de aumentar as despesas militares impõe a necessidade de uma maior taxa de exploração dos trabalhadores, por exemplo, através do "assalto" do TRF. O TRF ("Trattamento di Fine Rapporto") conforma a remuneração salarial de encargos sociais por tempo de trabalho. A reforma previdenciária que Prodi levou adiante, com o apoio dos sindicatos conciliadores, que se transformaram em verdadeiros gestores de fundos de pensão, consiste em transferir os rendimentos do TRF (a principal forma de previdência social na Itália) da estrutura pública do Estado central para entes privados, geridos por sindicatos e patronais, que irão administrar estes fundos investindo em ações financeiras, na bolsa de valores. A reforma mal foi aprovada, mas já entrou em falência o primeiro fundo constituído. Assim como ocorreu nos EUA, com a bancarrota dos fundos de pensão da Enron, vamos ao encontro da mesma tendência também na Itália.

Opinião - Como está acontecendo a atual reorganização da esquerda na Itália e que papel cumpre o Pd'AC?

Torre – O sentido histórico da fundação do Pd'AC é o de se inserir profundamente nas lutas sociais que se desenvolvem na Itália, como em todas as partes do mundo, que são desprovidas de uma direção revolucionária e, dessa forma, acabam se esfumaçando sendo, por fim, destruídas. Nosso objetivo é calar fundo em todas as lutas, conduzindo-as no sentido de uma perspectiva revolucionária, fazendo-as se enfrentarem frontalmente com o sistema capitalista para ganhar mentes e corações dos trabalhadores no sentido da transformação socialista de toda a sociedade. Tal é a nossa marca de nascimento: calar fundo nos movimentos sociais de lutas de massas que se desenvolvem na Itália para ganhar a maioria dos trabalhadores para essa consciência.

Opinião - Conte um pouco do processo de formação do Pd'AC.

Torre – Travamos uma batalha interna de cerca de 15 anos dentro do PRC. No momento em que o partido escolheu não só apoiar o governo Prodi, mas aderir ativamente e administrar o programa da burguesia, com ministros próprios, decidimos que era chegada a hora decisiva para romper com o PRC e criar um partido revolucionário para a classe operária na Itália. Trata-se de um processo difícil, nós somos conscientes de nossos limites, mas ao mesmo tempo concebemos que este é o único caminho para dar uma perspectiva à esquerda na Itália. Pensamos que atualmente um partido comunista digno deste nome não se pode limitar às fronteiras nacionais, mas deve se desenvolver inclusive em nível internacional. Por isso nascemos não apenas como um partido, mas como uma seção nacional de um partido internacional, da revolução mundial. Neste sentido pedimos a adesão à LIT-QI, após um longo processo de discussão. Nossa marca de nascimento é simultaneamente nacional e internacional.

PREPARAÇÃO DO DIA 25 ENTRA NA RETA FINAL NOS ESTADOS

SINDICATOS E MOVIMENTOS SOCIAIS organizam caravanas ao Encontro contra as reformas

Plenária da CONLUTAS em MG realizada no dia 08

DA REDAÇÃO,

A preparação do Encontro Nacional contra as reformas vem chegando à reta final nos estados. A poucos dias do dia 25 de março, ativistas de todo o país participam das plenárias preparatórias do Encontro e organizam caravanas para São Paulo.

O intenso movimento nos estados reflete a ampliação das forças que constroem o encontro, que vão desde entidades sindicais e movimentos sociais e estudantis.

Além da Conlutas, o encontro é convocado pela FST (Fórum Sindical dos Trabalhadores), Intersindical, MTL, MTST, CEBs e Pastorais Sociais de São Paulo, Andes-SN, Assibge, Cobap, Condsef, Fenafisco, Fenasps, Sinait e Sinasefe. No entanto, nas últimas semanas várias entidades se somaram á organização do evento, que deverá contar inclusive com a participação de uma delegação do MST.

CONVOCAÇÃO AVANÇA NOS ESTADOS

Em São Paulo, a Conlutas distribuiu 100 mil panfletos convocando o encontro na base das categorias. As entidades já organizam as caravanas do interior para o dia 25. Já no Rio Grande do Sul, a Coordenação deve levar ao menos 5 ônibus para o encontro. Já os estudantes no estado devem levar um ônibus. Foram distribuídos 20 mil panfletos convocando o encontro. Além disso, a Conlutas-RS prepara a confecção de camisetas e bandeiras para o evento. No Rio de Janeiro a Conlutas já está distribuindo os materiais de convocação do ato. No próximo dia 17, sábado, ocorre a Plenária estadual da Coordenação preparatória para o encontro.

No Nordeste, a preparação para o dia 25 segue a todo vapor. Em Pernambuco ocorre uma reunião dia 14 de março entre as entidades que estão construindo o dia 25. Além disso, a batalha se dá nas bases das entidades. Em assembléia do Sintufepe (Sindicato dos Servidores da Universidade Federal do Pernambuco), cuja direção é ligada à CUT, os trabalhadores conseguiram aprovar que a entidade banque a ida de 10 pessoas ao encontro. Já o Sindicato dos Professores Municipais do Recife estuda a possibilidade de levar um ônibus, assim como o DCE da federal no estado.

A perspectiva é que Recife leve de 2 a 3 ônibus a São Paulo no dia 25. No próximo sábado, dia 17, ocorre um seminário de entidades do movimento popular, cuja pauta está marcada pelo dia 25 e o dia 26, quando ocorre reunião do GT de movimentos sociais da Conlutas.

MINAS FAZ PLENÁRIA VITORIOSA

O estado mineiro é exemplo de organização e de como o processo de construção do dia 25 se amplia rapidamente aos demais setores. No último dia 8 de março ocorreu a plenária estadual preparatória ao encontro nacional que reuniu mais de 200 pessoas. A plenária contou com a presença de representantes de 20 sindicatos, 2 oposições, 3 Federações e 7 entidades estudantis e de movimentos populares.

Avança também a preparação das caravanas. No estado, só a Conlutas deve levar mais de 10 ônibus ao encontro em São Paulo.

PASTORAIS PAULISTAS TAMBÉM SE ORGANIZAM

Não são apenas os sindicatos que se mobilizam para o dia 25. Em São Paulo, as Pastorais Sociais se articulam para participarem do Encontro. "Além da Pastoral Operária, estamos articulando nossa participação com as Comunidades Eclesiais de Base e as demais Pastorais, como a de Moradia, a do Menor, Indigenista, etc.", afirma Paulo Pedrini, militante da Pastoral Operária.

Para Pedrini, o "encontro representa um salto de qualidade na luta e na construção da unidade entre a esquerda". "Achamos que o Encontro vai fortalecer nossa unidade nas lutas objetivas, construindo um Plano de Lutas", afirma, completando que o dia 25 "tem tudo para ser um Encontro de caráter histórico".

SAIBA MAIS | **INFORMAÇÕES DO ENCONTRO**

ENCONTRO NACIONAL CONTRA AS REFORMAS NEOLIBERAIS

Dia 25 de março em São Paulo
Local: Ginásio Mauro Pinheiro
Rua Abílio Soares 1300,
próximo ao metrô Paraíso